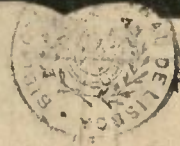


PUBLICAÇÃO FUNDADA EM 1914

ALMA
NOVA
REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL

III.ª SÉRIE

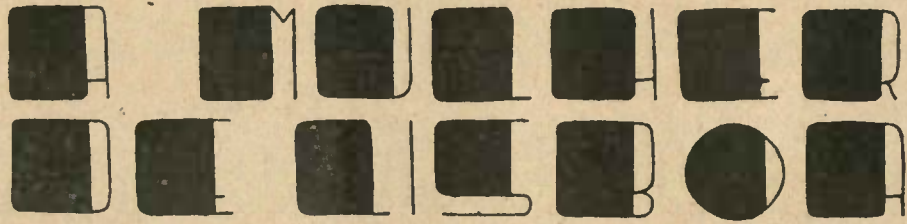
LISBOA. NOVEMBRO, 1922



NUMERO 3



«FLORA», DE RAUL XAVIER



POR
JOSÉ GUERREIRO MURTA

(ILUSTRAÇÕES DE ISaura CAVALHEIRO)

O que distingue propriamente a mulher lisboeta da mulher provinciana são as leves pinceladas de ilustração que ela possui. É um tóscio verniz de erudição que está distribuído em proporções iguais em quasi todas, porque todas elas frequentam as mesmas escolas: teatros, concertos e animatógrafos.

A mulher intelectual e a mulher artista (deveras interessantes e dignas de estudo) são muito raras. Há efectivamente umas centenas que aspiram a esses qualificativos, mas isso não se atinge simplesmente saboreando livrinhos de versos ou discutindo a todo o momento as inovações dos figurinos.

A maior parte dos alfacinhos se vivem e sentem é porque existe a moda. Escrever, portanto, a respeito da "femme chic" de Lisboa sem tocar na sua inseparável companheira, é cousa senão impossível, pelo menos muito arriscada.

A lisboeta, que passeia na Rua do Ouro e vai aos chás, depende tanto da moda como o corpo depende da alma. Ela dá-lhe a espiritualidade, a leveza, a graça e a elegância; e se não lhe dá o encanto dos olhares e a frescura dos sorrisos é porque Deus quis atestar com alguns documentos que a mulher da capital é obra sua e não uma douda criação das modistas.

Estas sabem operar transformações mágicas no corpo das "beldades", adelgçando, avalumanda e até elevanda a "calina" o que é naturalmente "planície..."

É a moda que cria duas mulheres: a mulher de verão e a mulher de inverno. A primeira é a mulher que pretende ostentar-se sem artificios e na sua pura realidade. A mulher de verão é uma mulher á luz do sol, não engana, vale a que vale. Por isso, essa apetitosa metade do género humano é menos atraente na época do calor. É que a Natureza não fez todos os braços para se mostrarem nem toda a epiderme para ser contemplada pelo sexo forte.

No inverno já não é assim. O inverno mascara defeitos corpóreos com as peles e os abafos; e o ente feminino aparece deante do "bicha-homem" mais complicado, mais luxuosa — e é isto ainda o que agrada acima de tudo. A mulher da estação calmosa inspira apenas desejos que se extinguem depressa; a da quadra fria inspira sonhos que se prolongam e desejos que se perfumam com a fantasia. Na história do Amor a inverno tem nos grandes centros domínios muito mais vastos.

Foi no inverno que certa menina inexperiente começou a sentir num teatro a prefácio do seu romance de paixão.

E será talvez nesta mesma quadra que ela rasgará a sua última página... Foi também no inverno que o coração de um botãozinho de rosa que eu conheço desabrochou docemente á luz do Amor com o verde cálice que se entreabre aos raios do Sol.

No verão apenas se traçam nas termas e nas praias umas simples novelas onde os seus personagens não representam (quasi sempre) as papeis a sério.

A "elegante" da Baixa está para a "elegante" da Província como as mulheres para as flores, segundo a opinião de um sábio. A mulher bonita da província é, em geral, apenas bela; a de Lisboa é bela e sabe ser bela... E nem admira. Na "cidade de mármore" há o culto da beleza. Esse culto, que passo de mãe para filha, vai-se dia a dia robustecendo. Ele exerce-se nos consultórios dentários, sempre cheios, nos animatógrafos, estudando as penteados e os gestos, nas ruas, observando o corte dos vestidos. E esta religião criou já tantos fanáticos que os seus adeptos varias vezes querem reagir contra a acção destruidora do Tempo, fazendo sorridente o que este tornou carrancudo — tentanda corrigir a lei da Creador. É desta maneira que se percebe que uma ex-formosa Helena, que já vai descendo a encosta da vida, procure ainda fazer dos seus lábios secos e das suas faces sem

côr, uns lábios de ramã e umas faces de cereja. Por um acirrado e cego fanatismo é que aquelas dezaite primaveras cheias de mimo e de carinho gastaram vinte minutos a pintar a seu rosto de anjal. Que desgosto que me causa! Por que não proíbes, Senhor?!

Que Tu consintas que uma dama, que já dobrou o cabo pouco esperançosa das trinta, encha de carmim a cara, numa humana aspiração de tapar as suas rugas, está bem. Mas que permitas que aquela fadazinha — a quem Tu emprestaste as tintas da Céu — tenha a leviandade de emendar os tans do teu pincel, não faz sentido!

Além desta mulher que tem a religião da beleza, há mais a que sofre a penitência do trabalho. Há a mulher que passa a dia nos "ateliers", nos escritórios e nas casas comerciais. São as empregadas democráticas, para as opôr ás empregadas dos ministérios, que são as aristocráticas. . . Aquelas vão para a labuta ás nove e deixam-na ás dezahove; estas entram nas suas repartições ás dõze e saiem de lá ás dezassete. E nos dias de muito serviço ainda lhes sobra tempo para ler um livro do sr. Julio Dantas...

Para umas e outras (sinceramente a afirmo) as homenagens do meu maior respeito, porque são trabalhadoras e



porque muitas delas deixaram os seus lares para ajudar a viver um irmãozito de dez anos ou para auxiliar os seus pais já velhos.

Algumas, bafejadas pela formosura, foram certamente perseguidas por um bando de pensamentos maus conselheiros; mas, após uma luta decisiva, subiram ao templo do Dever. É um triunfo bem louvável que deveria apagar do espírito dos "gentlemen" do Chiado e dos cafés essa ideia pouco lisonjeira que elles nutrem ácerca da maior parte das mulheres que se esforçam por ganhar o seu sustento.

Falando das empregadas "democráticas" e "aristocráticas", não posso deixar de trazer para aqui as modernas "democrático-aristocráticas". O seu primeiro nome mantêm-no elas pela qualidade do seu cargo, pelos seus trajes mal cuidados e pela sua linguagem pouco recomendável. O segundo foi conquistado depois da guerra em virtude de uma chuva de notas que lhes caiu em casa. Essas trabalhadoras — já todos o adivinharam — são as "varinas".

A par das varinas estão também as vendedeiras da Praça da Figueira, que julgo terem vindo para a capital unicamente para zombar do "pó de arroz" das donas de casa e das criadas pretenciosas, ralando-as e até insultando-as numa gritaria infernal, se ousam dizer que as batatas estão pôdres ou que o preço das couves é exagerado ..



Eis as mulheres de Lisboa que aparecem á claridade do dia, pois a altas horas da noite também se enxergam mulheres verdadeiramente típicas. São aquelas estátuas de vício que a crueldade dos homens ajudou a corromper; são aqueles entes insensíveis que surgem pelas esquinas, fugindo á policia num instinto de defesa; são as desgraçadas que o destino atirou para o abismo, roubando-lhes a vergonha e o coração; são as mulheres que riem sarcásticamente de todos os sentimentos e de todas as afeições, porque a preversidade e a baixaza nem ao menos consentiram que eias conservassem para sempre — mesmo através da sua existência enfiameada — a dedicação mais sacrossanta, o affecto mais sublime — o amor de mãe.

JOSÉ GUERREIRO MURTA



ISAURA

SALOMÉ

POR ASSIS ESPERANÇA

(IL. DE R. NOBRE)

Ao som dum *fox-trot*, a que deu voga a cadência da música a impar sensualidade, ali, no palco do "Eden", uma cançonetista argentina apresentou-nos uma Salomé bem da nossa época. Nada, nem mesmo um provocante decote, que fizesse apetecer aquela que dançou na sala de festins d'Herodiades, magnificamente nua, — véus caídos, pedrarias sangrentas a cobrir-lhe apenas o sexo. Quando apareceu ao público, friorentamente envolta num *sorti-de-bal* de veludo verde — a côr preferida pelos gregos nos seus prazeres inconfessáveis — tinha as atitudes castas duma educanda de convento de monjas a gosar férias na vida dos salões.

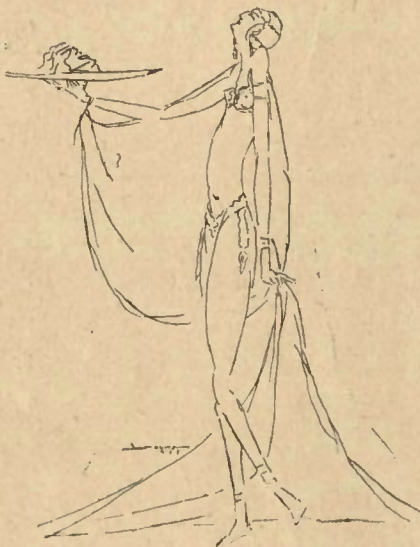
Curvava-se numa saudação fidalga e o que havia de voluptuoso na música, contrastava imediatamente com o sorriso casto que tinha nos lábios; com a ingenuidade dum olhar que parecia suplicar ao céu a absolvição de pecadilhos que a sua candura classificou de crimes. Começava bailando, e os primeiros movimentos eram marcados quasi sem estremecimentos de corpo, os braços a erguerem-se compassadamente numa graça mimosa, numa elegância rebuscada de marquezinhas que dançassem pavanas na côrte de qualquer monarca de rígidos costumes.

Gradualmente, porém, requinta as atitudes e transforma o sorriso de há pouco, num sorriso que mordisca a sensibilidade, um sorriso irritante de incitamentos. Então sentimos postiga a castidade que a perfuma d'encantos místicos. Mas se os olhos tem sempre a aspiração máxima de quem busca a felicidade com inquietação, a felicidade que não chega, que não chegará nunca... — como não sentir desejos d'exorar perante ela a mercê magnífica de consentir que a adorem?

A música, as atitudes, fazem á sua volta um mistério laivado de tragédias passionais? Mentira! se ela é tão boneca...

Canta!... — Escutem bem! A mesma candura na voz! — Digam-nos que essa mulher é uma flor de carne, nascida entre sangue e infâmia; digam-nos que poderá levar-nos a tudo: ao crime, ás expoliações, ao suicídio; gritem-nos que a sua beleza é artificiosa, passageira; que o *boudoir* lhe guarda o segrêdo das suas formas d'aparências deliciosas; confidenciem-nos, mesmo, o número dos seus amantes. Clamaremos: calunia! Se ela é tão boneca...

A certa altura do bailado, arroja de si a capa que a envolve tôda, e fica ainda casta no seu traje afogado de garganta. Mas nos olhos, na bôca, em tôdas as suas atitudes d'agora só há volúpia, — os olhos rebrilham, a bôca tem esgares de quem prepara mordeduras. Canta, e a sua voz faz-nos empalidecer, lançando no ar, já pesado de voluptuosidade, palavras que vibram de palpitações brutais. Porém, o contraste entre o seu traje, que continua, que é sempre casto, desperta-nos a curiosidade mórbida que nos leva a perscrutar os segredos d'alguem, por entre promessas de prazeres inéditos. E acordamos na sua inconsciência. Não pode ser criminosa a mulher que oferece uma carícia em cada sorriso; que tem uma ternura maternal no olhar, que baila sem atitudes canalhas, — e o público aplaude essa Salomé-símbolo, como todos nós seguimos uma mulher que nos acene das bandas do mistério uma mão esfíngica, que tomamos por patricia e acolhedora.



(CONTINUA NA PAG. 50)



A MULHER ALGARVIA

POR SEBASTIÃO DA COSTA

(ILUSTRAÇÕES DE R. NOBRE)

Esta minha gente algarvia é curiosa — singular já alguém lhe chamou — e merece ser observada e descrita.

Ainda não encontrou o seu cronista-pintor, nem vai tê-lo agora em mim, neste singelo artigo, ao correr da pena.

Entre ela, avultando com um excesso de mais de dez milheiros, a mulher, quer cachopeira da serra ou sêcia do burgo, prepondera na vida e no lar por virtude do seu tino governativo e natural amorosidade do homem.

Talvez já saibam que o algarvio, mais que os outros seus patrícios das demais províncias de Portugal, é inclinado ao casamento e aumenta a sua grei em maior proporção.

Nestes índices de vitalidade excede mesmo as mais prósperas nações europeias.

Por essas razões e outras a mulher algarvia me parece ser um ente favorecido da Providência.

Quando assim escrevo estoa sobretudo pensando na maioria agrícola da população desta terra, umas cento e oitenta e uma mil almas para os tresentas mil da população total que hoje deve ter.

Talvez por abundarem as casas de *varuica* entre a gente do povo, bastas vezes os homens são conhe-

cidos e nomeados pelo nome da consorte, e quase sempre os filhos.

O Manuel da Anica, o João da Rita, o José da Ricarda são cavalheiros meus conhecidos em vários mesteres, por êsse Algarve.

E para mais pitoresco posso apresentar-lhes mestre José da Belona, ferreiro, e o Manuel da Mariquita, moleiro do pé da porta.

Por outro lado os apelidos masculinos cambam de género quando ligados aos nomes das mulheres: a Maria Coelha é pessoa conhecida e importante no seu termo, e da venda da encruzilhada espalha o nome e fama pelos casais dos quatro pontos, onde é execrada pelas patroas que muito

tem sabem como se esvai a maquia da féria semanal do seu homem, que por lá fica em vinhaça e azeitonas, e mesmo nos pélagos da tavolagem.

Aos domingos até, na casa larga ao lado, ao som da concertina, os Maneis e Marias sebamoleiam no corridinho, entre dichotes e copinhos de tinto, levantando o pó vermelho do ladrilho.

Há dias encontrei num alfarrobeiral, rugosa e alquebrada, o n'riz cambudo, a Marta Ferra; e enquanto caminhavamos foi ela desfiando da sua memória de velha, e narrando com viveza, os tempos em que servia ali em casa do senhor morgado.



Estes sintomas de um certo predomínio da mulher na família algarvia não indicam porventura que ela seja neste particular melhor nem pior do que qualquer outra Eva, de qualquer tempo ou lugar.

A mulher, quer se chame Cleópatra e viva no Egito, quer madame de Maintenon e habite a França elegante do século XVII, procura sempre asseuor-se do coração e dirigir os passos do homem com quem vive.

Se esta consegue com mais frequência esse ideal feminino, não é certamente pela beleza ou arte nos atavios.

A moçoila da serra, esbelta, de tez clara, loira de olhos azuis, nos dois cantos nordeste e noroeste da província, e de palminho por vezes engraçado, é excepção na geate rústica.

Em geral, entre esta, depois da frescura dos dezoito anos, o casamento transforma a mulher num ente sombrio de aspecto triste e formas descompostas, e, para a velhice, quase de sexo indiferenciável.

Nesta quadra lembra o tipo berbere com cuja raça Topinard encontrou semelhança.

A menina e senhora da povoação, vila ou cidade, não revela caracter local no cosmopolitismo do seu donaire.

Quando bela, de olhos e cabelos escuros e talvez mais geralmente miudo, não é tipo que se não encontre por todo o país, embora aqui abunde a pigmentação escura, como atestam as estatísticas dos sábios antropólogos.

A indumentária, tirante a das povoações que hoje segue o "Miroir" ou "Illustration des Modes", é no geral fusca e desairosa.

A saia muitas vezes escura, o chale quase sempre preto, o lenço e o chapéu dão à mulher do campo uma tonalidade sombria.

A bata e o lenço são por vezes a única pincelada viva naquela mancha a nanquin que, sobre o burrico com reminiscências de um árabe que por aqui passou, no seu "arre" e "xó", se vai bamboleando até ao mercado ou feira da povoação vizinha, a vender os figos, os ovos ou os queijos.

Não lhe reparem nos sapatinhos de saltos à Luís XV e nas meias "à jour", é o desalmado progresso a



A MULHER NAS FAZAS DOMÉSTICAS (CLICHÉ DE A. J. TEIXEIRA)

barbarizar o conjunto harmónico de uma figura que a paisagem requer e completa, e ficaria muito melhor com as meias opacas de linha azul ou amarela, feitas ao serão, e metidas nuns sapatos abotinados de coiro crú.

Pior é um japonês de quimono azul pálido, chapéu de côco e botas de elás-

tico; e eles por lá andam!...

O mundo está atingindo o disforme pela peste da igualdade mal compreendida.

Consiglieri Pedroso numa viagem que fez á Rússia encontrou semelhança entre este traje e o das aldeãs de algumas regiões daquele país.

E' um mistério de etnografia que está por explicar.

A mim me parece, pelo que tenho lido e visto, que por lá se é mais colorista: será a mesma forma de chale e lenço, mas outras as côres.

Um viajante inglês, Winifred Cooper, que reproduziu um canto típico da Rússia campesina, em prosa e tinta, faz vibrar a côr alacre da vestimenta naquela paisagem de longes horizontes, tal como nas estranhas e empolgantes composições dos Cinco polifonistas, e sobretudo em Rimsky, as notas estrídulas dos cantares indígenas surgem aqui e além entre a harmonia rica e feiticeira.

Mas um ponto de contacto há talvez mais curioso que me apresso a revelar ao estudo dos filólogos e etnólogos que não sou.

A bata que na Rússia tem por nome "sarafan" foi aqui no Algarve, em tempos idos, "safardana" na linguagem do povo.

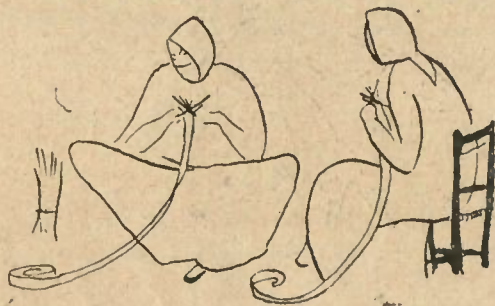
Ainda hoje nos bailaricos se ouve na bôca de um ou outro mandador, de melhor memória ou reportório:

Vá adiante, segue, segue.
O lagarto mais a lebre
Foram bailar à Jordana,
O lagarto de casaco
É a lebre de "safardana".

E' evidente a semelhança dos dois vocábulos: Será mero acaso, ou terão étimo comum?

E aquela gente russa ha-de cantar (cantará agora na desgraça?!: o seu "nítcha voi", estribilho de toda a hora, é o nosso "não te rales") juntando á alegria da côr a nota ora viva ora plangente das suas melodias, e sempre o ritmo esquisito que parece vir de mais longe, do canto solitário do pastor nómade dos desertos da Ásia.

Aqui já não se canta e o próprio traje é lutuoso.





DIA DE MERCADO
ESTOI
CLICHÉ MORENO

Mas nem sempre assim foi, doutro modo não nos contaria Plínio a fama dos lenços e panos engenhosamente urdidos, com diversas côres, nas quais entrava a grã lusitana, a mais famosa do mundo de então, requestada por Fenícios e Romanos para as suas clâmides roçagantes.

Perderam-se do mesmo passo

por entre os pinheiros do combro; só a mulher algarvia raramente canta.

E não porque a voz não saiba modelar com certa arte, ou o ouvido se perca nas azinhagas da tonalidade.

Encontram-se ainda vozes melodiosas e bem timbradas, e não faltam as belas canções de sabor antigo e local.

Ainda há quem



A CAMINHO DO POÇO
CONCEIÇÃO DE FARO
CLICHÉ MORENO

a viveza da côr e a alegria de cantar.

Que tristeza vai caindo sobre esta gente que vive vida regularmente farta nestes tempos calamitosos e desde há muitos anos procria mais e emigra e morre menos que a média portuguesa?

Tudo em volta canta e sorri e se veste das mais garridas e luxuriantes côres.

Vestem-se as amendoeirias de lindo branco logo no começar do ano, veste-se o prado na primavera de seus tapetes variegados de margaritas e santas noites, de amarelos pampilhos e vermelhas calças de cuco.

Tudo canta em volta, mal assoma a alvorada: a rôla e a cotovia, o cuco vadio e a pôpa, de longe em longe,



saiba aquela que diz: "Ao bater das ondas" e o "Marujinho" e outra ainda mais antiga que começa: "Já o meu faval tem favas", e no seu ritornelo: "Oh! primas, Oh! primas, Oh! primas ailô", lembra um doce e ingénuo cantar primevo.

As raparigas da serra — as serrenhas — quebram às vezes a regra quando aqui veem pelo varejo da amêndoa, e despedem a voz fresca em típicas modinhas do seu lugar.

Mas vai-se perdendo o gôsto do baile de roda a uso da terra, que só de encomenda e em pobre imitação já aparece.

Morreram as "vigilias" (1), com muita fruta e vinhaça e logos pela noite alta; e as hilariantes cavallhadas; e os combates de moiros com seu castelo armado em canas tomado de assalto pela rapaziada brava, num ímpeto em que havia glóbulos de sangue ancestral.

(1) Um primeiro golpe mortal lhes deve ter dado o pastoral de 3 de Junho de 1788 do bispo D. José Maria de Melo, que proibia «se fizessem vigilias, nas vespers, ou dias dos festos dos Santos, ao pé ou em roda das Igrejas ou Ermidas»; disposição do quilate da que a outra com que o senhor D. João III prohibiu aos estudantes de Coimbra as serenatas e cantares, e ambas fazendo parte daquele sistema de abafarete e purificação, a que este infeliz país esteve sujeito por séculos



UM ESPLÊNDIDO ALMEIXAR DE FIGOS E CACHOPAS
CLICHÉ DE EURICO ORTIGÃO

Não tem vida mais folgada a mulher minhota (que a montanheira aqui tem fama de avezar seu farto pé de meia, pelo preço que vende as novidades) e continuam as da Maia e da Areosa trajando seus vistosos saiotes e lenços de muitas côres.

E não lhes empece a dureza da vida de cantarem e tangerem seu pan-

deiro, como o povo que vinha á Ribeira esperar o senhor D. Pedro e aquela dona da casa illustre dos Henriques que, em Evora, com tanta graça o soube rufar que D. João II a montou ás ancas de sua mula; e não lhes é tão triste a vida que não procurem, nas romarias famosas de S. Torcato, da Senhora da Agonia, do São Bento da Porta Aberta, da Senhora da Peneda e muitas outras de somenos importância, pretexto para expandirem em descantes e folguedos a vida pujante que lhes corre nas veias.

Se a mulher algarvia já raramente canta nas ceifas e desfolhadas, trabalha nelas, lenta e melancólica; e todo o santo dia, dando comida ao gado na ramada ou ao suino na pocilga; moendo o milho para o xareni, na mó caseira; amassando e cozendo o pão; apanhando e transportando os figos para o almeixar; doba uma infundável actividade que, se não assombra pela celeridade, se faz notar pela pertinácia.

Na horta estão-lhe reservados os trabalhos mais leves: sachas as batatas, amontoa o milho, rega a luzerna e as couves.

Só uma caluniosa ignorância poderia ter escrito que a mulher do Algarve puxa o arado a par da alimária

A senhora estrangeira que o publicou talvez tivesse andado pelo Algarve de além — o «Almagrab» — dos escritores árabes, e o tivesse confundido com o «Algarb» de aquem.

Nem mesmo carrega pesados fardos à cabeça como a mulher do norte; apenas leves molhos de feno ou de canoila; e o cântaro à ilharga ou sobre as cangalhas do jumento.

Na serra é vê-la ir pelos cardos para coalhar o leite, espremer a massa deixando escorrer o almece no alguidar, e quando é sazão ajudar o homem, de peneiro na cara, a crestar o mel fulvo dos cortiços.

Para fartura da casa, também tem prosápias de ter o seu hortejo, e enquanto o companheiro anda de safões e çamarra pelos córregos, em pós das cabias, ou na apanha da cortiça, vai ela regando com mimo as fruteiras e hortaliças do seu quinchoso, de que a gente escarninha da planície úbere moteja neste cantar de escarnho:

As moças da serra:
Minha horta... minha horta...
E' uma cêrca velha
Cõ'um tanganho à porta.



UM LINDO PÔR-DE-SOL, NA PRAIA
CLICHÉ S. PADINHA

Mas portas a dentro é que se manifesta a sua suprema arte de arrumo e poupança: varre, caia, remenda as batas, deita fundilhos nas calças do homem, ou de um casaco velho do pai faz um abafo novo para o filho.

Nalguns lugares e freguesias é notória a sua extrema limpeza; noutros o desleixo, esse gran-

de defeito nacional, é mais vulgar, sem nunca atingir a asquerosa porcaria usual no Minho e Tras-os-Montes, entre a gente rústica, que atinge o mais alto expoente na incrível imundicia e primiscuidade na serra do Suajo.

As Fontes Santas, no caminho que vai de Olhão à Fuzeta, e a Bordeira, entre Estoi e San Braz, são dos sítios mais notáveis pela impecável brancura e limpeza dos casais.

Este primor deve-se só à mulher; ela ordena e aceia o lar, sempre tão falto de comodidade e gosto, por vezes até carecente do mais indispensável mobiliário, e nele, com toda a paciência — a mais nobre virtude da nossa raça — vai suprimindo, à força de engenho, as facilidades que hoje em qualquer pequeno burgo encontram os seus habitantes.

Nasce, envelhece e morre nesta labuta sem grandes compensações de regosijo; o dia de hoje igual ao de ontem, igual ao de amanhã (esta monotonia inortal dos dias iguais ela a deve sentir mais que ninguém), e não tem na velhice o cigarrinho de devanear como mal informado escreveu um nosso illustre polígrafo, pois uma ou outra excepção não é regra.

Se o fizesse estaria ainda com o «Smart Set» cosmopolita desta época em que, como disse A. France, a mulher se vai tolamente desencantando.

Analfabeta e primitiva na sua observação e razoar, compartilha com o homem as credices e superstições mais primitivas: tem fé na acção metereológica e criadora da luz; crê na malignidade do sapo, nos maus olhados, nas beberagens amorosas, nas bruxas que esconjuram e quironantes que por sortes de cartas advinham o futuro de uma pessoa.

Neste fraco não é inferior às senhoras da capital, que vão fazendo a fortuna das espertas pitonisas

Só de longe em longe, mais como tradição que por crerça, se lhe ouve falar em moirinhas encantadas neste algar ou naquela nora: vão desaparecendo

«Nossas lindas ficções, nossa engenhosa
Mitologia nacional e própria,»

como disse o melodioso cantor de D. Branca.

Em matéria de religião não é fanática nem indifferente: vai à missa ao domingo, quando pode, e sobretudo não perde, com seu fato domingueiro, de ir ver à cidade próxima as deslumbradoras procissões da Semana Santa.

Mas o seu terror pelas penas do outro mundo não lhe impede de colaborar com o marido nas fraudes e roubos diários feitos ao patrão.

Andam um e outro, há muitos séculos, a cumprir a herança de se vingarem das picardias dos almotacés, anadeis, coudeis, senhores de coutada, corregedores e mais miuçalha da justiça destes reinos, e de lógrós muitos de que teem sido vítimas.

Pensam que a melhor maneira de nunca serem enganados hoje é enganarem sempre.

De como se sabe fazer respeitar — da sua honestidade — em relação ás suas irmãs minhota, transmontana e beiroa nos revelam as estatísticas que a ilegitimidade é aqui menor que em tôda a parte.

Retrógrada e rotineira no amanho da terra, como o seu homem, oferece com êle a todo o poggreso e iniciativa aquela surda e dura resistência que soe desarmar as mais robustas vontades. Cabe-lhe por isso um quinhão grosso na responsabilidade do atraso na exploração de algumas riquezas desta terra. Para isso contribuem grandemente as suas superstições e suas scismas.

Assim é a montanha algarvia da várzea e a serrenha do Malhão e da Fóia, de Cachopo e da Mesquita; e por seu assíduo cuidado e escrupulosa economia se faz estimar.

Esta gente é um alfobre de algumas preciosas virtudes que transplantadas para o Terreiro do Paço, se vingassem, só por si salvariam o país: ela com seu tino, trabalho e poupança o tem poupado ao desastre total.

O verbo é pitoresco e singular, mais à medida que se ascende para o espinhaço da serra, e teria muito que contar se aqui houvesse lugar e tempo.

Se descermos à beira mar a mulher torna-se diversa nos modos e nos usos: vemo-la nos portos piscosos ajudando o marido na rude labuta, em casa ou na praia, remendando as redes, ou ençodando os anzois; e hoje nos centros fabrís da conserva enchendo as fábricas ao silvo da caldeira avisando a chegada de sardinha.

Aí haixa de moral e despeja-se numa linguagem torpe de frases equívocas e palavras obscenas, e se cauta é algum fado choramingas ou copla reles de revista.

Esta é da grei feminina a gente característica deste Algarve luminoso, paraíso de íncolas pacíficos, não muito ardidós mas pertinentes trabalhadores, que desta terra tradicionalmente feraz (já o cruzado da tomada de Silves nos diz no seu latim: terram optime cultam invenientes) fizeram um dos mais belos jardins de Portugal.

Não era, por certo, a mulher algarvia dos agrupamentos urbanos que importava revelar aos leilores, que por tôda a parte hoje a encontram, cosmopolita na forma se bem que inferior, e muito, em cultura, à de outros países da vanguarda; mas sempre dela algo direi.

Nas cidades, maximamente na capital, agita-se uma multidão de donzelinhas cujo maior sonho é atrairem com doces olhares o donzel que lhe ha-de comprar os vestidos e chapéus catitas que vêem nas estrelas do film.

Não é destas, evidentemente, que poderá vir aquela ponderação, parcimónia e sacrifício, dos quais depende absolutamente a resolução do maior dos problemas nacionais, depois do pedagógico, — o económico.

Transviadas por uma educação de artifícios e exterioridades estão pelo contrário, dia a dia, embaraçando mais a vida desta pátria, e agravando o pendor da balança comercial para o prato da importação, mercê dos seus hábitos e gôsto de luxo e de prazer.

A sua influência desorientadora vai, infelizmente, já fazendo-se sentir nos campos, por meio das serviçais que aos burgos descem e deles levam hoje a peçonha do «chiquismo», dos trapos catitas e das ambições desmedidas que arrastam às mais vesgas noções de honradez.

Esta ou aquela mais assentada, vai, numa vida recolhida de trabalho doméstico, preparando-se para a mais nobre função de senhora do seu lar.

Em avultado número algumas proccram nos estabelecimentos de ensino um bilhete de entrada até às vituallias do orçamento que vão, como é notório, escasseando aos inúmeros convivas.

Quando nos liceus procuram uma cultura, saiem de lá com um compêndio de definições estereotipadas na cabeça do mestre, que não é excepção, e papagueadas pelos discípulos, e uns galimatias a que chamam francês, inglês e alemão, mas que os franceses, os ingleses e os alemães não entendem.

Os homens que hoje em Portugal se fazem notar pela sua illustração são todos autodidactas, e a êsses está posto o doloroso dilema: casarem com uma menina que, além das «artimanhas» da pirogravura e do bordado a matiz, sabe tocar, com alterações de ritmo, uma valsa de Chopin, ou com uma impertinente sábia liceal que ignora os mais comezinhos factos e fenómenos e foi, por cultura artificial e livresca, impossibilitada de acompanhá-lo nos arroubos da intelligência e dos sentidos.

Essa mulher moderna, como é a americana e a alemã, a holandesa e a suíça, raro em Portugal se tem alguém dado a cultivar; e essa deve ser a maior tragédia da vida dos homens desta terra que vejo darem-se ao afan de afinarem o seu espírito pelos mais altos padrões da beleza e da virtude.

A moça rude do campo encontra bem o seu par; porque entre ela e o lapuz que a derriça não há grande diferença onde o encontrará o homem justo e culto que não tem preço e apenas procura uma alma que com êle queira entretecer ilusões neste deserto da vida?

SEBASTIÃO DA COSTA



RAÇAS CANINAS PORTUGUESAS:

PODENGOS

Os nossos monumentos literários apresentam de onde a onde referências às velhas raças caninas, que nem todos podem interpretar facilmente por serem pouco conhecidos os cães portugueses de raça pura.

O velho Nobiliário fala de uma *podenga*, que Herculano, em *A Dama Pé de Cabra*, descreve assim:

"... *preta como azevi-che, esperta e ligeira que mais não havia dizer...*"

Pois falarei de podengos.

Eles são os mais interessantes dos cães portugueses. Até ao século XVI são empregados exclusivamente na caça da Altanaria. Assim as orde-

nações afonsinas prescrevem que el-rei tenha onze podengos, que devem ser conduzidos pelos *açoreiros*. Na *Arte da Caça de Altanaria*, o nosso clássico Diogo Fernandes Ferreira cita constantemente os podengos, esquecendo quasi os outros cães.

Mas no final do século XVI dois factos vieram modificar a função dos podengos. A fatal jornada de África arruinou as casas nobres e, consequentemente, suprimiu os luxuosos estados de caça dos tempos passados. A altanaria desapareceu. O arcabuz e a espiugarda passam a substituir o falcão na caça da perdiz. Os podengos evoluem, e no século XVII vamos encontrá-los na caça do coelho e da lebre. É conclusivo o depoimento de Alonso Martins d'Espinar na sua *Arte de Ballesteria y Monteria*.

O furacão económico de 1834 traz novo abalo à organização venatória. Desaparecem os monteiros-móres e desabam os privilégios das coutadas. A caça é livre. Pelas vastas charnecas pululam javardos e gamos. Qualquer cidadão os pôde apreender. Mas os *novos-caçadores*, tal como *novos-ricos* de agora não sabem servir-se de tanta abundância. O não cumprimento do regimento das coutadas durante o longo interregno das luctas liberais acarreta o desaparecimento das matilhas de sabujos e alãos, indispensáveis na grande montaria. Os *novos-caçadores* quedam perplexos. A caça continúa a ser livre mas ninguém sabe aproveitar tanta liberdade.

Então alguém de iniciativa mais ousada lança mão dos podengos. E os briosos animais facilmente se adaptam ao novo género de caça. Pelas vastas charnecas alentejanas os podengos obram maravilhas. Os javardos defendem-se com igual denodo. Alguns até adquirem nome de guerra. O *Flor Jos Bosques* é durante muitos anos o desespero dos caçadores apaixonados. São tiros que falham, são dezenas de podengos estripados e retraçados pela fúria do suino. A fera vai escapando sempre, embora mais ou menos arranhado. Um dia, porém, é assassinado covardemente por um



' LEAL '

CÃO PODENGO MÉDIO, PERTENCENTE
AO EX.^{MO} SR. DR. DANIEL RIBEIRO
DO PINHEIRO DA BEMPOSTA

POR

ARMANDO CORRÊA

pelotão de improvisados caçadores de aldeia. O medo era tal que ainda depois de morto lhe dão nova descarga. Os podengos teriam sido com certeza mais leais. Pelo Alentejo fóra surgem então magníficas matilhas de podengos de pórcos. Dentre os creadores alguém se destaca, trabalhando com consciência e saber. É Jacinto Pais Falcão, o creador da admirável matilha do Monte Negro.

Os podengos... Os podengos... Eles são os mais interessantes dos cães portugueses. O falecido conde de Arnoso, colaborando no interessante livro *Sport in Europe*, teve a feliz ideia de

conceder aos podengos a honra de os apresentar à Europa venatória.

São animais muito vivos, ágeis e inteligentes, de cabeça airosa, sêca, levemente alongada; as orelhas são erectas, ponteagudas e fitas; o focinho é ponteagudo; o tronco é robusto e alongado; os membros são fortes, sêcos e nervosos.

Bulicçosos e estouvados, eles são a alegria do pobre e o desenfado do rico.

ARMANDO CORRÊA

□□

SALOMÉS. CONTINUAÇÃO DA PAG 44

As Salomé d'haje. Não há país que as não tenha, a perpetuar a raça da virgem sanguinária que exigiu a cabeça da divino Já Kanan. A vida é a luta, e continuam entrecendo-se por cada vez que a mais insignificante contrariedade lhes viola a vontade, que acreditaram soberana pelo valitar constante de desejos à sua roda; como essa outra, planêam vinganças quando a indiferença dos homens lhes insulta a beleza.

Para os vencer, encarnam a alma feita de veúpia da Salomé de Moreau; os lábios têm os beijos furiosos da Salomé de Wilde; os olhos gritam ansias de posse, promessas de prazeres,—coveiros do tédio. E como nenhum deles leve os olhos aos céus, procurando amparo celestial para a carne já fraca, a tragédia tem um terminar diferente.

Em vez da exigência de qualquer cabeça a sangrar, há a súplica, mais forte do que uma ordem, do clássico cheque bancário.—É sempre tão deliciosa de inenudade, que seria loucura atribuir-lhes o propósito de nos arruinar, ainda mesmo quando lhes entregamos os restos duma fortuna... Se a candidez mora nos seus olhos; se os lábios, incapazes de mentir,—juramos!—modulam, a todas os momentos, com uma languidez inata: amo-te, meu amar...

...É sempre tão caridosas... Se fôr necessária a nossa morte, aconselham o revólver.—Dois tiros nos miolos...—dizem-nos sorrindo e empre.—Mas longe desta casa, muito longe.—Irrita-lhes a sensibilidade a presença dum cadáver emporcalhado em sangue! E classificariam a última das vilanias, se um amante, desprezando estas recomendações, lhes compromettesse o futuro, manchando indelevelmente de vermelho as sedas alvas da seu «boudoir»,—do «boudoir» que é para elas todo o seu futuro, toda a sua biografia!

ASSIS ESPERANÇA



AS FEIAS...

POR

BERNARDO DE PASSOS

E' feia e pobresinha essa mulher
que com voz d'oiro canta ao sol-poente...
(Scisma a aldeia, — branca, a adormecer
num sonho de criança. ingenuamente...)

Se ouve passos do seu êrmo lugar,
cala o canto irial que a incendeia.
Volta o silêncio, e então volta a cantar,
— é como o rouxinol a pobre feia...

E nesta paz do campo, entre a verdura
dos frescos milharais, sonho a história
dessa doce e humilde criatura
que chora a sorte num cantar de glória...

Ama. E eis tudo. A sua história triste
inteiramente uma palavra a diz...
E amando, sonha um bem que não existe;
canta uma dor que em lágrimas bendiz...

Sofre, e canta. E assim pura e suave,
a história d'amor da pobre feia
é tão singela como a dessa ave
que num ramo, sósinha, ali gorgeia...

É como a triste, nessa voz magoada,
põe a sua paixão a alvorecer!
E tão florida a canta, e tão alada,
que a madre-silva a está a compreender...

Amor inconfessado e descontente?
No canto mostra bem a sua dor...
Quantos, amando assim ocultamente,
não morrem sem dizer o seu amor!

E o amor sem esperança, essa paixão
tôda pureza e aspirações divinas
que floresce na dor dum coração
como um lírio nas sombras das ruínas:

Êsse amor, que é de todos o mais puro,
(flor de abismo sorrindo no declive...)
e que, não tendo fé, vive seguro,
pois da saudade de si mesmo vive:

Êsse amor tão honesto e tão profundo,
sendo o das almas nobres e altivas,
é o das pobres feias, que no mundo
vivem dentro de si como cativas!

Almas encarceradas, a olhar
de entre ferros o Amor,— o lindo dia!—
vendo lá fóra, aurorizando o ar,
namorados em doida romaria:

Passa o mundo por elas cegamente,
alheio á dor que as punge, ébrio de luz...
E elas, sorrindo ao coração descrente,
abraçam mudamente a sua cruz!

Jardins de sombra onde não cantam ninhos,
quem é que as feias ama, e busca, e quer?
—São como as rosas tristes dos caminhos
que a gente pisa, sem as ver sequer!

E enquanto as lindas mostram, por vaidade,
ao fútil mundo a sua carne em flor,
elas—visões de mágoa e de saudade—
fogem dele, escondendo o seu amor!

Encher d'amor o peito, e só o ver
cheio da própria sombra,—um mudo Horto!
Ter um Bem, na saudade de o não ter:
dar-lhe vida, e viver um sonho morto!

—Amam assim as doces desprezadas
no Calvário da sua solidão,
olhando as lindas, as que são amadas,
com um triste sorriso de perdão...

Branqueja cada dia um novo lar
nos verdes campos, como um lírio aberto...
Para as lindas, a vida é um pomar!
Para as feias, um álgido deserto!

Um baptisado passa... Refulgindo,
cantam sinos... Um filho que se adora!
—Numas, a própria alma refluindo!
Noutras, a mesma noite sem aurora!

Contudo, pode haver nestas, ainda,
mais luz, mais coração, maior pureza...
E a formosura passa! E sempre linda,
só fica a alma, a imortal beleza!

Ah! como a pobre feia que ahi canta,
dizendo quanto sofre e quanto ama,
me enche a alma de sonho, e m'a faz santa,
nessa voz que em crepúsc'lo se derrama...

Voz em flor, e que vem florindo o ar,
e cai em rosas sôbre o coração...
Voz nostálgica como a voz do mar,
vinda de longe, de entre cerração...

Voz serena, mas feita de agonias...
Voz de paixão, mas onde a dor sorri...
Suave como um tocar d'Avé-Marias
na aldeia florida onde nasci...

Voz de lágrimas, flébil de saudade...
Voz em que a dor assume tal doçura,
que nela o desespero é já piedade,
e é êxtase a própria desventura...

Voz de mistério a gorgear dum modo
que o silêncio dos céus faz mais profundo,
e que, par'cendo encher o Mundo todo,
parece ahi, só ela, a voz do Mundo...

Voz de estrelas e aragens, onde existe
e se desfolha em ais o Universo,
—que não faria dessa voz a triste;
junto dum filho, a embalar um berço?

Na paz serena e vaga desta hora,
nestes bíblicos páramos de encanto,
eu sinto que amo a pobre feia,—agora
que a sua voz me orvalha do seu pranto...

E amo a triste (e sinto-a quási minha,
num aneio da alma libertada!)
por ela não ser linda, coitadinha!
—Por não ser linda, e por não ser amada!

Mas como já a triste feia é bela!
Como já, pelo amor, se transfigura!
Vejo-a na alma: é um clarão de estrela,
—uma visão de angélica doçura!

Se outras há para os olhos, mais formosas,
isso que importa, se êsse encanto é vão?
Triste violeta ao pé de alegres rosas,
ela é mais linda para o coração...

E amando a pobre feia que ahi canta,
envolvo neste meu sagrado amor
essas em quem a desventura é tanta,
que nem sabem cantar a sua dor!

(DESENHO DE SAMORA BARROS)

O LOUCO AMOR

ORIGINAL DE
RAMÓN MARIA TENREIRO

NOVELA

VERSÃO DE
FIDELINO DE FIGUEIREDOTRADUZIDA EXPRESSAMENTE PARA A "ALMA NOVA",
COM ILUSTRAÇÕES DE SAAVEDRA MACHADO

(Continuação)

DIRIGIU involuntariamente a vista para a alcova e contemplou por um momento a galharda e pompasa figura da jovem, que, inclinada sobre a leito, enxugava uma vez mais o suor da rasta do agonizante.

— Muita mulher... Muita... Já era sabida... Marredum dos "ccc" que nos matam a nós, velhas: ceia, caida, casamento... ¿E Joime? Porque não estará aqui Jaime?

E em voz baixa, ao cura:

— E o filha? O cega?

— Não a viu D. Indolécio? Está metido no quarto... de traz da porta... Não podemos tirá-lo d'ali por mais que lhe tenhamos pregado. O pobre, já se vê, não quiere separar-se do pai. Mete pena vê-lo.

— Eu não me atrevi a entrar. Que quere, sr. cura? Já se é velha e não se pode vêr sofrer assim uma criatura com quem se viveu desde a meninice. Demais, quando vejas as barbas da vizinho a arder...

— Deixe-se dessa, D. Indolécio! O senhor ainda hó-de ramper muitas botas.

— Ai, senhor cura! O navo póde morrer, mas a velho não póde viver.

Ao cabo de breve momento voltou a mussitor o sacerdote:

— Também Genoveva me faz muita pena. Como tratou d'ele! Não é possível que alguém chegue à morte melhor tratado nem com mais carinho. Há não sei quanto tempo que não dorme nem se despe.

— Que sorte que tenha sida assim!

— Uma benção de Deus! A mais virtuosa das minhas filhas de confissão...

— Agora se Genoveva não tornar a casar-se não me dará muita que fazer a pobre cego. Administração, e não cante mais.

— A êle, sim, é que a senhar terá de o casar... É o partido mais rico de tãda a vila.

— Ai, senhor cura...! Não há bom partido cego...

Sobreveio largo silêncio, só interrompido pelo angustioso resfolegar do maribundo. O seu amigo não pôde sofrer por mais tempo aquele tormento. Levantou-se; saiu da sala. Nas lãbregos corredores ossediaram-no com perguntas as gentes do povoada e da aldeia, que invodiam tãdo a casa.

— Não, não... Vive ainda; porém, já coma se não vivesse.

Seguiu adiante e entrou na vasta cozinha do convento. Das fumadas vigas do tecto pendiam os presuntos, perús e chouriças da última matança. Inumeráveis caçarolas brilhovom coma prata na grande cabide que cabria por completa uma das paredes.

Na ampla lareira, debaixo da gigantesca cobertura do chaminé, ardia alegremente um grande lume, cujas chamas vermelhas dançavam, acariciadoras, entre as pançudas panelas. Três mulheres, rudemente afodigadas, preparavam a ceia para as caseiras que ficavam de véla: uma grande panela de bacalhau com batatas, carne guizada, um pucarão de café.

A mais velho, criada do casa há meio século, gigantesca, pançuda, de incendida cara redonda, acercou-se chorosa de D. Indolécio.

— Ai, senhor! Sei que vamos ficar sem amo.

— Sim; por esta vez...

O ancião deixou-se cair sobre um banco ao lado da grande mesa de castanho. A criada dava em voz baixa ardens às suas duas ajudantas e aborrecia-se muito de não ser compreendida nem obedecida prontamente.

(CONTINUA)

FIDELINO DE FIGUEIREDO



O ANCIÃO DEIXOU-SE CAIR SOBRE UM BANCO AO LADO DA GRANDE MESA DE CASTANHO

QUERE DINHEIRO?

JOGUE NO

Gama

R. do Amparo, 51

LISBOA

Telefone: Norte 4020

EL HOMBRE MÁS VENTUROSO

CONTO INÉDITO DE ROGELIO BUENDÍA

* * * (IL. DE SAAVEDRA MACHADO) * * *

Daniel era el hombre más venturoso de la tierra. Quiso el mar y lo tuvo. Quiso el aire y lo tuvo. Y quiso el sol y tuvo cien soles en sus dominios universales. Iba siempre entre bellas esclavas que le servían en copas de oro y perlas los más dulces licores y en bocas opasionadas los más suaves besos.

Sus caballos eran los más briosos y sus perros los más arrogantes y fieles.

Todas las bocas lo alababan y todas las manos lo bendecían en gestos de unción y reverencia.

Ero sumamente venturoso. Jamás hubo una voluntad que se le resistiera y, ante él, todas las puertas se abrían y todas las inteligencias eran opocas, pues su talento le hacía ser como un sol de un brillo irresistible.

Una tarde, después de despedir a unos príncipes con quienes había cazado egipanes en las selvas del Ensueño, se sintió con el alma vacío. Hubo en sus ojos un vuelco de la luz o la sombra. Tuvo un momento de tedio y ya no fue más feliz.

En una ventana de uno de sus treinta palacios miraba los lirios marzales que crecían para él en el jardín de los Enamorados.

Veía crecer los lirios blancos, y los azules, y los de color de tigre, ciñendo sus ojos, velados por el tedio, vleron una muchachita pálida que le miraba candorosamente, con ojos de estréllos azules y cabellos de color del fuego más vivo.

Daniel llamó a tres de sus esclavos más fuertes y les dijo, señalando por la ventana o la muchachita pálida:

—¿Véis oquello linda muchacho que tiene ojos de estrelllos azules, que cruzo el jardín de los Enamorados? ¡Traédme la al momento! Ello me hará feliz.

Y, poco después, oquella muchachita, que había socudido el tedio del hombre más venturoso, se extendía, desmayado, en el lecho nupcial del palacio.

Daniel gozó oquello noche más que en ninguno de los días de su vida dichosa.

Aquella mujer estaba hecho de la más túbio sedo y del más sonrosado nácar. Sus ojos, en el dolor, miraban como dos enormes zafiros con vida, y sus manos, al implorar, eram más bellas que los más blancos lirios del jardín de los Enamorados.

Y pasaron los días y ella se entregaba a él triamente, y por muchos besos que Daniel le pusiese en la boca, no lograba el hombre más venturoso que oquellos labios le devolviesen un beso siquiera.

Daniel miraba extótico los ojos de la niña para buscar en ellos algo que se pareciese a lo que los suyos enloquecidos expresaban . . .

Y siempre veía en aquellos ojos dos hermosos zafiros, nada más que zafiros.

Y en vano los pebeteros ardían con las esencias más enervadoras ni que los cantores y las guzlas dejosen oír sus kasidas más llenos de voluptuosidad. La luna pasaba todas las noches frente al balcón de la cámara donde el príncipe velaba su desesperación.

Así sufría el hombre más feliz.

Y una noche en que la muchachita de los ojos de estrelllas se retorció en el lecho tetanizado por afrodisiacos que había tomado en los manjares, el hombre feliz como ninguno le preguntó con rabia:

—¿Cuando tendré tu corasón?

Y ella, firmemente, con la boca crispada, respondió:

—¡Nunca!

Esto fue la única palabra que oyó Daniel de la mujer que tanto amaba.

Entonces, el hombre más venturoso, cugió en su mano nerviosa un puñal fuerte con el puño incrustado en rubíes, y, de un solo tajo, abrió el pecho de la niña del jardín de los Enamorados.

Y, entrando su mono en la herida, apretó entre sus nerviosos dedos el corozón, y dijo:

—¡Ahora, es mio!



ROGELIO

BUENDÍA

Para brève: "Un artículo hablando de las cosas trascendentales de nuestros ideales peninsulares" — Buendía

FIGURAS DA GRANDE GUERRA, POR R. NOBRE



VON MOLTKE



HINDENBURGO

Não raro é ouvir-se, entre nós, desde os admirativos mais servis aos mais incendiados sarcasmas, sobre a arrogância das figuras que na Alemanha prégaram e fizeram a Grande Guerra.

O autor do livrinho «Sinfonia Macabra», de que hoje se anuncia para breve a «edição definitiva» — curiosa brochura lindamente ilustrada pela moço artista Roberto Nobre —, não é das primeiros nem das segundos. Reunindo em vários capítulos, a que vai adaptando a respectiva cenário, as mais formidáveis afirmações da mentalidade política e militar da grande nação, principal-

MATEUS MORENO



(EDIÇÃO DEFINITIVA)

mente no último meio século, êle apenas quiz reconstituir com a sanguinosoaviamenta daquelas próprias palavras o edifício macabro das grandes reponsabilidades no conflito.

Consegui-o, plenamente, sem epítetas insultuosas?

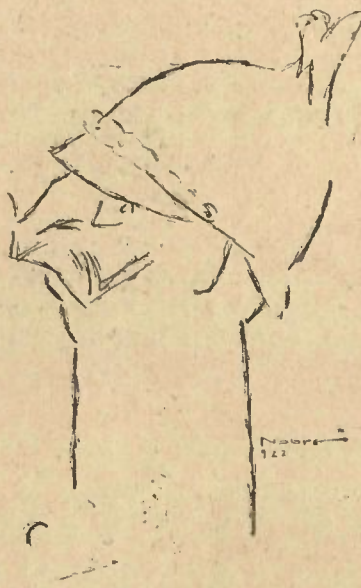
© leitar brevemente o dirá.

* * *

Es cinco cabeças que ilustram a presente página, e que foram extraídas da referida edição, são das maiores da Alemanha e também das mais responsáveis do miserável estado em que a Eurapa se encontra.



KRONPRINZ



KAISER



VON BETHMAN HOLLWEG

NOTAS DO MÊS

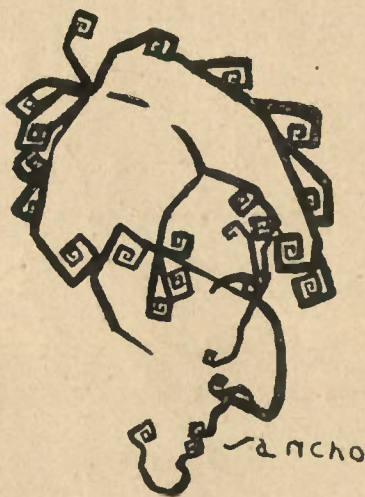
SE há momentos na historia em que a pátria portuguesa viva tanto da sagrada emoção do heroísmo de seus filhos, nunca como no momento que passa.

A travessia aérea do Atlântico não serviu apenas para levar o velho abraço amigo do pai muribundo ao filho jovem, — esse outro Portugal d'Além — o Brasil, ela foi o solavanco da própria alma lusitana contra o mesquinho desprêso a que se nos ia votando.

Como em 1500, nos tempos da Outra-Audácia, o mundo inteiro tem de novo os olhos emocionadamente postos em Portugal, e os nomes de Sacadura e Coutinho deixam de ser, nos fastos da raça, apenas os nomes honrados de dois grandes e nobres marinheiros, para se constituirem em dois símbolos de imorredoura glória. A sua vida difundiu-se-lhes toda na aventura sublime do seu gesto; a sua alma tresvasou-se-lhes toda nas estrofas candentes dos "Lusiadas"!

Portugueses d'Aquem e d'Além Atlântico, não vêdes a linda estrada que Eles nos deixaram no céu?

...Sim, o grande acontecimento do mês último foi o regresso dos "nossos aviadores", depois da sua viagem aérea ao Brasil. Em Lisboa, o delírio da recepção, apesar da chuva torrencial que caiu durante todo o dia, excedeu quanto se possa imaginar. "Nas mãos não havia mais palmas", na frase feliz dum reporter do "Diário de Lisboa", nem nos corações mais gritos de saudação



O ARTISTA ROBERTO NOBRE
POR SANCHO



Comendante SACADURA CABRAL



Almirante GAGO COUTINHO

para exteriorizar todo o entusiasmo! Das janelas, completamente apinhadas de senhoras, caíam em catadupas as flores e os beijos.

De Alexandre Prista,
Nova-York:

Am.º e Sr.:... Embora longe da Pátria eu sinto vibrar na minha alma esse sôpro sagrado de Epopeia que fez do Português um dos povos que mais contribuiu para esta civilização admirável do presente.

"Na Universidade do Columbia foram este ano abertos 3 cursos de Português, sendo um de literatura. E' a primeira vez

que nos Estados Unidos se constitue um curso tão completo da nossa língua. Abri estes cursos esta semana e ainda que o número de alunos seja pequeno, isso é já o início dum conhecimento mais sensato da nossa Arte, da nossa Literatura e do nosso Passado.

Embora não esteja em Portugal, aqui no estrangeiro eu também me considero dentro dos princípios da sua Revista."

A linda "Baladilha", que nontro lugar publicamos, da autoria de Ivo Cruz, um novo compositor de real talento, foi cantada com muito êxito numa audição da Liga Naval, no corrente ano, por uma das mais ilustres senhoras da nossa sociedade.

Continuaremos a publicação de outras composições e estudos de crítica.

Mr. W. A. Bentley, ex-professor do Instituto Superior de Comércio e antigo director da bela revista "Portugal", acaba de partir para Londres, onde vai proceder a várias pesquisas sobre as relações da história e literatura inglesa e portuguesa, prometendo enviar nos algumas crónicas.

— Da capital da Espanha, também nos vai remeter a sua colaboração um grande amigo de Portugal, distinto advogado e redactor do jornal "Informaciones".

Entre outros belos artigos, a "Alma Nova" publica no próximo n.º um estudo do Dr. Artur Lamas, sobre o Apito e o Assobio, e notas sobre Simões d'Almeida, pelo próprio.

A época teatral afirma-se bem. Originais na maioria portugueses cu versões com o valor de originais. Rodrigues Cosme vai iniciar as suas crónicas.

— No Cinema Condes, a película o "raid" aéreo ao Brasil" faz honra á "Invicta", do Porto.



O COMPOSITOR IVO CRUZ
POR R. NOBRE

CRITICA LITERÁRIA: SERÁ FEITA NO PROXIMO NUMERO A TODAS AS OBRAS DE QUE NOS FORAM ENVIADOS 2 EXEMPLARES.

22



ALMA NOVA

NÚMEROS
:: 4 A 6 ::
(III.ª SÉRIE)

: Director Literário e Gerente :

: : Mateus Moreno : :

: : : Director Artístico : : :

J. Saavedra Machado

: : : Secretário Geral : : :

Rebello de Bettencourt

: : : REDACÇÃO : : : :

: C. João do Rio, 8-1.º :

: : : LISBOA : : : :

ALMA NOVA

: : PROGRAMA : :

Contribuir para o ressurgimento nacional, despertando o culto
das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas

DIRECTORES DE SECÇÃO:

Dr. Ascensão Mendonça (Ciências Naturais); Dr. Bragá Paixão (Açores); Dr. Cláudio Basto (Minho); Eduardo Romero e Martinho da Fonseca (Pintura); Dr. Francisco Machado (Finanças); Francisco Santos (Escultura); Francisco Valença (Caricatura); Jorge Segurado (Arquitectura); Tenente José Brandão (Douro); Dr. José Guerreiro Murta (Letras); Dr. José Gonçalo Santa Rita (Colónias); Luís Chaves (Trás-os-Montes); M. A. (Modas); Newton de Macedo (Filosofia); Nuno Cruz (Coimbra); Dr. Pedro Júdice e Samora Barros (Algarve); Dr. Teófilo Júnior (Pedagogia).

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal e Ilhas, Trimestre (3 n.ºs) 3\$00; Semestre (6 n.ºs) 5\$50; Ano (12 n.ºs)	10\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	15\$00
Restantes países (idem)	20\$00

(Nas cobranças pelo correio acresce a respectiva taxa)

NÚMERO AVULSO, 1 ESCUDO (MIL RÊIS)

ATENÇÃO: — Não fica prejudicado o assinante, quando circunstâncias anormais, que procuraremos no entanto evitar, demorem a saída da revista, porque no acto de pagamento das assinaturas se fixam sempre os números a receber, que são os referentes aos períodos pelos quais as mesmas são tomadas.

Propriedade e edição da Empresa Cooperativa de Arte e Publicidade "Ressurgimento,"

III SÉRIE — N.ºs 4 a 6 : : DEZEMBRO - MARÇO de 1923

: : SUMÁRIO : :

<i>Carta da Guerra</i> , desenho de Eduardo Romero	57	<i>Anoitecer</i> , sonetinho de Armando Côrtes-Rodrigues	72
<i>Do Livro dos Cavaleiros</i> , inédito de Augusto Casimiro (il. de R. Nobre)	58	<i>Balada do vento</i> , de Rebello de Bettencourt	73
<i>Crônica Política e Social</i> , por J. Gonçalo Santa Rita	59	?, soneto de Fernando Tavares de Carvalho	73
<i>Soluções para o problema da Crise Portuguesa</i> , por J. Ferreira Neto	61	<i>Peregrinação</i> , texto e ilustração de Rodrigues Mignéis	74
<i>Curiosidades Etnográficas: «O Apito e o Assobio»</i> , por Artur Lamas (ils. de Saavedra Machado)	63	<i>Letras</i> , por J. Guerreiro Murta e Mateus Moreno	75
<i>A Mulher Portuguesa: II — «A Mulher de Trás-os-Montes»</i> , por Luís Chaves (ils. do autor e de J. da Rocha Vieira)	67	<i>Arte: «O mestre escultor Simões d'Almeida»</i> (notas intimas)	77
<i>Arquitectura: «O Campo Grande»</i> , por Ribeiro Cristiano	70	<i>Arte Regional: «Os Pintores do Gharb»</i> , por Sebastião da Costa (ils. de Samora Barros e J. Dias-Sancho)	79
<i>Os nossos Poetas: Dr. Américo Durão, fot. Bobone, vinheta de Valença</i>	71	<i>Infelizes</i> , conto reg. de Barbosa Sueiro (ils. de S. M.)	82
<i>A minha Mãe</i> , soneto de Américo Durão	72	<i>Notas subsidiárias para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra</i> , pelo Tenente José Brandão	84
		<i>Sports: A educação física no Exército</i> , por M. M.	85
		<i>Carta de Paris</i> , por Nuno Valença	87
		<i>O Louco Amor</i> , «novela», versão de Fidelino Figueiredo	88

Em separata: "D. Sebastião", escultura de Simões d'Almeida; "Prometeu", escultura de Francisco Santos; "Leda e o Cisne", de Carlos Bonvalot, e um desenho de Manuel Jardim

: : Capa de MARTINHO DA FONSECA : :

Gravuras de A ILUSTRADORA, L.da

Tipografia MINERVA — V.ª N.ª de Famalicão



